

Competência(s):
5

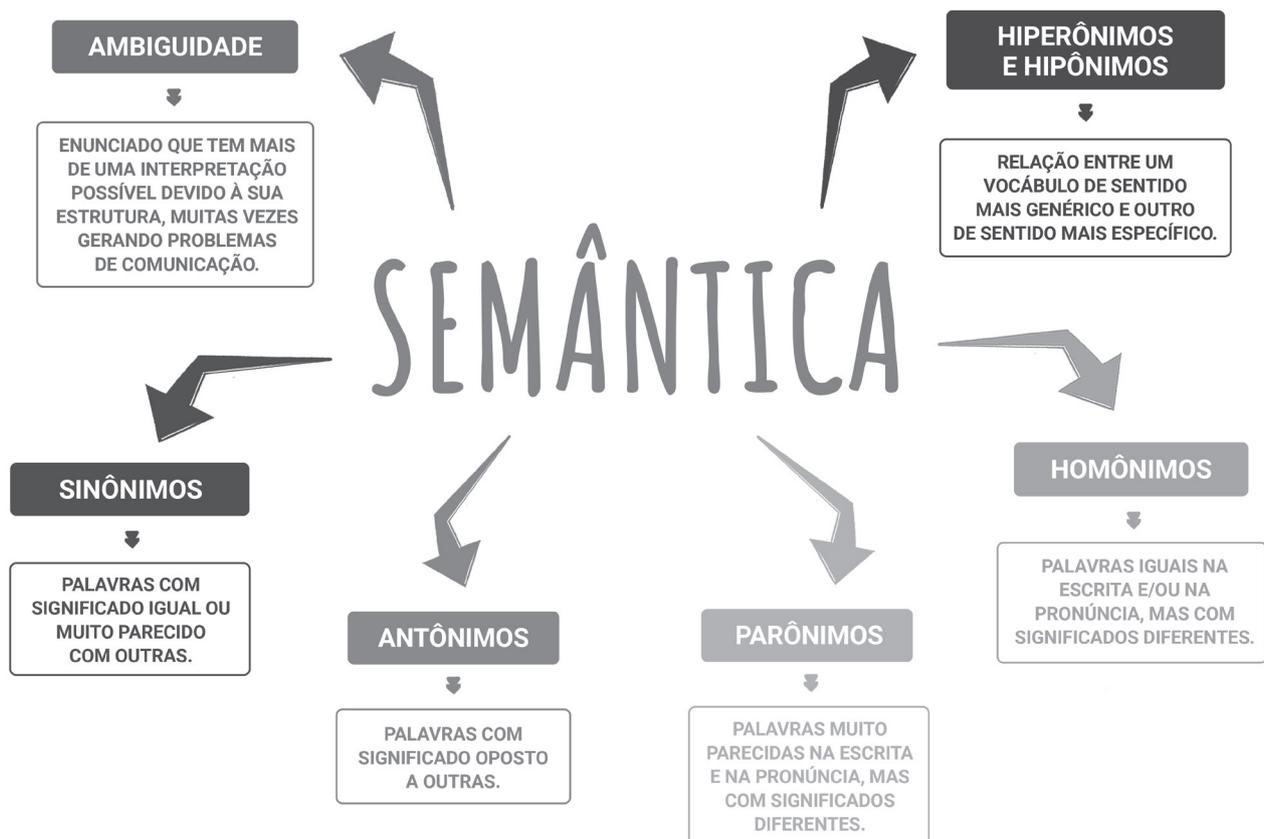
Habilidade(s):
15, 16 e 17

AULA 5

VOCÊ DEVE SABER!

- Sinonímia
- Antonímia
- Paronímia
- Hiperonímia e hiponímia

MAPEANDO O SABER



ANOTAÇÕES



EXERCÍCIOS DE SALA

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

AS CRÔNICAS DE NÁRNIA



Viagens ao fim do mundo, criaturas fantásticas e batalhas épicas entre o bem e o mal – o que mais um leitor poderia querer de um livro? O livro que tem tudo isso é “O leão, a feiticeira e o guarda-roupa”, escrito em 1949 por Clive Staples Lewis. Mas Lewis não parou por aí. Seis outros livros vieram depois e, juntos, ficaram conhecidos como “As Crônicas de Nárnia”.

Em um universo completamente mágico e original, C.S. Lewis conduz a terra de Nárnia desde a sua criação até o seu fim em sete livros incríveis. “As Crônicas de Nárnia” é um conjunto de histórias que abrangem diversas épocas dentro de um cenário repleto de castelos, membros da realeza, guerreiros, criaturas fantásticas, feiticeiras e uma mitologia bem extensa.

O autor buscou uma forma de elaborar a história da Bíblia em um contexto original e inspirado no livro sagrado, de modo que até mesmo quem não concorda com os seus preceitos e ensinamentos sinta interesse em iniciar a sua leitura. Além disso, há também referências claras às mitologias grega e nórdica e aos contos de fada, além da inserção de seres icônicos como o Papai Noel. Desde o Gênesis ao Apocalipse, Nárnia vivencia muitos períodos, nos quais questões muito diferentes são abordadas. Entretanto, há um elemento comum em todos os livros: os papéis principais são dados a crianças. São esses pequenos heróis que se descobrem grandes salvadores e se sentem no dever de lutar para proteger a terra que tanto amam e que depende deles.

A oposição entre Aslam e Tash começa a ganhar força no decorrer da cronologia dos livros, sempre camuflada em um contexto de conflitos por terras e guerras entre reinos. Em “A Última Batalha”, é citado que Aslam remete ao bem e Tash, ao mal. Qualquer um que estiver seguindo a um dos dois e praticar o bem estará, na verdade, seguindo a Aslam. Se for o oposto, estará seguindo a Tash.

Ambos são os contrastes de atitudes boas e ruins que podem ser cometidas de acordo com o caráter, o comportamento e as escolhas de cada um.

No geral, os personagens de mais destaque em toda a obra são: Aslam, Digory Kirke, Polly Plummer, A Feiticeira Branca, Pedro Pevensie, Susana Pevensie, Edmundo Pevensie, Lucy Pevensie, Sr. Tumnus, Os Castores, Caspian X, Ripchip, Trumpkin, Shasta, Aravis, Eustáquio Miserio, Jill Pole, Brejeiro, Rilian, Confuso, Manhoso, Tirian e Tash. Cada um possui uma personalidade bastante distinta do outro e todos apresentam características que os tornam originais e clássicos em uma obra que é considerada essencial na vida de uma criança, mas que também pode ser apreciada por pessoas de qualquer faixa etária.

[...]

LIMA, Victor. Disponível em: <<https://nomeumundo.com/2016/08/17/as-chronicas-de-narnia/>>. Acesso em: 09 maio 2019 (adaptado). 1. (G1 - ifpe 2019)

No contexto em que foi empregada, a palavra “camuflada” (segunda linha do 4º parágrafo) estabelece relação de antonímia com

- a) ocultada.
- b) disfarçada.
- c) revelada.
- d) dissimulada.
- e) envolta.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A última página

Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. ¹Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial.

²Mesmo em sociedades que deixaram registros de sua passagem, a leitura precede a escrita³; o futuro escritor deve ser capaz de reconhecer e decifrar o sistema de signos antes de colocá-los no papel.

⁴Para a maioria das sociedades letradas – para o islã, para as sociedades judaicas e cristãs como a minha, para os antigos maias, para as vastas culturas budistas –, ler está no princípio do contrato social; aprender a ler foi meu rito de passagem.

⁵Depois que aprendi a ler minhas letras, li de tudo: livros, ⁶mas também notícias, anúncios, os títulos pequenos no verso da passagem do bonde, letras jogadas no lixo, jornais velhos apanhados sob o banco do parque, grafites, a contracapa das revistas de outros passageiros no ônibus. Quando fiquei sabendo que Cervantes, em seu apogeu à leitura, lia “até os pedaços de papel rasgado na rua”, entendi exatamente que impulso o levava a isso. Essa adoração ao livro ⁷(em pergaminho, em papel ou na tela) é um dos alicerces de uma sociedade letrada.

A experiência veio a mim primeiramente por meio dos livros. Mais tarde, quando me deparava com algum acontecimento, circunstância ou algo semelhante ⁸ _____ ⁹sobre o qual havia lido, isso me causava o ¹⁰sentimento um tanto surpreendente, ¹¹mas desapontador de *déjà vu*, ¹²porque imaginava que aquilo que estava acontecendo agora já havia me acontecido em palavras, já havia sido nomeado.

Meus livros eram para mim transcrições ou glosas ¹³ _____ outro Livro colossal. Miguel de Unamuno, em um soneto, ¹⁴fala do tempo, ¹⁵cuja fonte está no futuro; minha vida de leitor deu-me a mesma impressão de nadar contra a corrente, vivendo o que já tinha lido. Tal como Platão, passei do conhecimento para seu objeto. Via mais realidade na ideia do que na coisa. ¹⁶Era nos livros que eu encontrava o universo¹⁷: digerido, classificado, rotulado, meditado, ainda assim formidável.

¹⁸A leitura deu-me uma desculpa para a privacidade, ou talvez tenha dado um sentido à privacidade que me foi imposta, ¹⁹uma vez que, durante a infância, depois que voltamos para a Argentina, em 1955, vivi separado do resto da família, cuidado por uma babá em uma seção separada da casa. ²⁰Então, meu lugar favorito de leitura era o chão do meu quarto, deitado de barriga para baixo, pés enganchados ²¹sob uma cadeira. Depois, tarde da noite, minha cama tornou-se o lugar mais seguro e resguardado para ler ²² _____ região nebulosa entre a vigília e o sono.

O psicólogo James ²³Hillman afirma que a ²⁴pessoa que leu histórias ou ²⁵para quem leram ²⁶histórias na infância “está em melhores condições e tem um ²⁷prognóstico melhor do que aquela ²⁸à qual é preciso apresentar as histórias. [...] Chegar cedo na vida já é uma perspectiva de vida”. Para Hillman, essas primeiras leituras tornam-se “algo vivido e por meio ²⁹do qual se vive, um modo que a alma tem de se encontrar na vida”. A essas leituras, e por esse motivo, voltei repetidamente, ³⁰e ainda volto.

Cada livro era um mundo em si mesmo e nele eu me refugiava. ³¹Embora eu soubesse que era incapaz de inventar histórias como as que meus autores favoritos escreviam, achava que minhas opiniões frequentemente coincidiam com as deles e ³²(para usar a frase de Montaigne) “Passei a seguir-lhes o rastro, murmurando: ‘Ouçam, ouçam’”.

Fonte: MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 20-24. (Parcial e adaptado.)

2. (UCS 2021) Segundo o texto, assinale a alternativa que apresenta a melhor sinonímia a termo sublinhado no período abaixo.

Era nos livros que eu encontrava o universo: digerido, classificado, rotulado, meditado, ainda assim formidável (ref. 16)

- a) **digerido** por *assimilado*
 b) **classificado** por *generalizado*
 c) **rotulado** por *etiquetado*
 d) **meditado** por *mitigado*
 e) **formidável** por *hedonístico*

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO: UM DOADOR UNIVERSAL

Tomo um táxi e mando tocar para o hospital do Ipase. Vou visitar um amigo que foi operado. O motorista volta-se para mim:

- O senhor não está doente e agora não é hora de visita. Por acaso é médico? Ultimamente ando sentindo um negócio esquisito aqui no lombo...

- Não sou médico.

Ele deu uma risadinha.

- Ou não quer dar uma consulta de graça, hein, doutor? É isso mesmo, deixa para lá. Para dizer a verdade, não tem cara de médico. Vai doar sangue.

- Quem, eu?

- O senhor mesmo, quem havia de ser? Não tem mais ninguém aqui.

- Tenho cara de quem vai doar sangue?

- Para doar sangue não precisa ter cara, basta ter sangue. O senhor veja o meu caso, por exemplo. Sempre tive vontade de doar sangue. E doar mesmo de graça, ali no duro. Deus me livre de vender meu próprio sangue: não paguei nada por ele. Escuta aqui uma coisa, quer saber o que mais, vou doar meu sangue e é já.

Deteve o táxi à porta do hospital, saltou ao mesmo tempo que eu, foi entrando:

- E é já. Esse negócio tem de ser assim: a gente sente vontade de fazer uma coisa, pois então faz e acabou-se. Antes que seja tarde: acabo desperdiçando esse sangue meu por aí, em algum desastre. Ou então morro e ninguém aproveita. Já imaginava quanto sangue desperdiçado por aí nos que morrem?

- E nos que não morrem? - limitei-me a acrescentar.

- Isso mesmo. E nos que não morrem! Essa eu gostei. Está se vendo que o senhor é moço distinto. Olhe aqui uma coisa, não precisa pagar a corrida.

Deixei-me ficar, perplexo, na portaria (e ele tinha razão, não era hora de visitas) enquanto uma senhora reclamava seus serviços:

- Meu marido está saindo do hospital, não pode andar direito...

- Que é que tem seu marido, minha senhora?

- Quebrou a perna.

- Então como é que a senhora queria que ele andasse direito?

- Eu não queria. Isto é, queria... Por isso é que estou dizendo - confundiu- se a mulher. - O seu táxi não está livre?

- O táxi está livre, eu é que não estou. A senhora vai me desculpar, mas vou doar sangue. Ou hoje ou nunca.

E gritou para um enfermeiro que ia passando e que nem o ouviu:

- Você aí, ô, branquinho, onde é que se doa sangue? Procurei intervir:

- Atenda a freguesa... O marido dela...

- Já sei: quebrou a perna e não pode andar direito.

- Teve alta hoje. - acudiu a mulher, pressentindo simpatia.

- Não custa nada - insisti. - Ele precisa de táxi. A esta hora...

- Eu queria doar sangue - vacilou ele. - A gente não pode nem fazer uma caridade, poxa!

- Deixa de fazer uma e faz outra, dá na mesma.

Pensou um pouco, acabou concordando:

- Está bem. Mas então faço o serviço completo: vai de graça. Vamos embora. Cadê o capenga?

Afastou-se com a mulher, e em pouco passava de novo por mim, ajudando-a a amparar o marido, que se arrastava, capengando.

- Vamos, velhinho: te aguenta aí. Cada uma!

Ainda acenou para mim, de longe, se despedindo.

SABINO, Fernando. *Um doador universal*.

Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/opini%C3%A3o/fernando-sabino/fernando-sabino-um-doador-universal-1.538>>. Acesso: 08 maio 2017.

3. (G1 - IPPE) Na leitura de textos, deparamo-nos, muitas vezes, com palavras das quais desconhecemos o significado, no entanto, a partir do contexto, conseguimos interpretá-las. Seguindo esse entendimento, a partir da significação contextual da palavra, assinale a alternativa que contém o vocábulo que substituiria adequadamente o termo destacado no trecho a seguir, extraído do texto, de acordo com a relação de significado estabelecida.

“**Está se vendo que o senhor é moço distinto.**”

- a) Rápido; antonímia.
- b) Comum; sinonímia.
- c) Inteligente; sinonímia.
- d) Forte; antonímia.
- e) Exigente; sinonímia.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O gosto da surpresa

Betty Milan
Psicanalista e escritora

Nada é melhor do que se surpreender, olhar o mundo com olhos de criança. Por isso as pessoas gostam de viajar. Nem o trânsito, nem a fila no aeroporto, nem

o eventual desconforto do hotel são empecilhos neste caso. Só viajar importa, ir de um para outro lugar e se entregar à cena que se descortina. Como, aliás, no teatro.

O turista compra a viagem baseado nas garantias que a agência de turismo oferece, mas se transporta em busca de surpresa. Porque é dela que nós precisamos mais. Isso explica a célebre frase “navegar é preciso, viver não”, erroneamente atribuída a Fernando Pessoa, já que data da Idade Média.

Agora, não é necessário se deslocar no espaço para se surpreender e se renovar. Olhar atentamente uma flor, acompanhar o seu desenvolvimento, do botão à pétala caída, pode ser tão enriquecedor quanto visitar um monumento histórico.

Tudo depende do olhar. A gente tanto pode olhar sem ver nada quanto se maravilhar, uma capacidade natural na criança e que o adulto precisa conquistar, suspendendo a agitação da vida cotidiana e não se deixando absorver por preocupações egocêntricas. Como diz um provérbio chinês, a lua só se reflete perfeitamente numa água tranquila.

O que nós vemos e ouvimos depende de nós. A meditação nos afasta do clamor do cotidiano e nos permite, por exemplo, ouvir a nossa respiração. Quem escuta com o espírito e não com o ouvido, percebe os sons mais sutis. Ouve o silêncio, que é o mais profundo de todos os sons, como bem sabem os músicos. Numa de suas músicas, Caetano Veloso diz que “só o João (Gilberto) é melhor do que o silêncio”. Porque o silêncio permite entrar em contato com um outro eu, que só existe quando nos voltamos para nós mesmos.

Há milênios, os asiáticos, que valorizam a longevidade, se exercitam na meditação, enquanto nós, ocidentais, evitamos o desligamento que ela implica. Por imaginarmos que sem estar ligado não é possível existir, ignoramos que o afastamento do circuito habitual propicia uma experiência única de nós mesmos, uma experiência sempre nova.

Desde a Idade Média, muitos séculos se passaram. Mas o lema dos navegadores continua atual. Surpreender-se é preciso. A surpresa é a verdadeira fonte da juventude, promessa de renovação e de vida.

(Veja, Editora Abril, edição 2184 - ano 43 - nº 39, 29/09/2010, p. 116)

4. (G1 - IFAL) No trecho: “...suspendendo a agitação da vida cotidiana e não se deixando **absorver** por preocupações **egocêntricas**”, as palavras grifadas mantêm, com os vocábulos “absolver” e “personalistas”, uma relação de:

- a) homonímia e sinonímia, respectivamente.
- b) sinonímia e homonímia, respectivamente.
- c) antonímia e paronímia, respectivamente.
- d) antonímia e sinonímia, respectivamente.
- e) paronímia e sinonímia, respectivamente.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:**Um caso de burro***Machado de Assis*

Quinta-feira à tarde, pouco mais de três horas, vi uma coisa tão interessante, que determinei logo de começar por ela esta crônica. Agora, porém, no momento de pegar na pena, receio achar no leitor menor gosto que eu para um espetáculo, que lhe parecerá vulgar, e porventura torpe. Releve a importância; os gostos não são iguais.

Entre a grade do jardim da Praça Quinze de Novembro e o lugar onde era o antigo passadiço, ao pé dos trilhos de bondes, estava um burro deitado. O lugar não era próprio para remanso de burros, donde concluí que não estaria deitado, mas caído. Instantes depois, vimos (eu ia com um amigo), vimos o burro levantar a cabeça e meio corpo. Os ossos furavam-lhe a pele, os olhos meio mortos fechavam-se de quando em quando. O infeliz cabeceava, mais tão frouxamente, que parecia estar próximo do fim.

Diante do animal havia algum capim espalhado e uma lata com água. Logo, não foi abandonado inteiramente; alguma piedade houve no dono ou quem quer que seja que o deixou na praça, com essa última refeição à vista. Não foi pequena ação. Se o autor dela é homem que leia crônicas, e acaso ler esta, receba daqui um aperto de mão. O burro não comeu do capim, nem bebeu da água; estava já para outros capins e outras águas, em campos mais largos e eternos. Meia dúzia de curiosos tinha parado ao pé do animal. Um deles, menino de dez anos, empunhava uma vara, e se não sentia o desejo de dar com ela na anca do burro para espertá-lo, então eu não sei conhecer meninos, porque ele não estava do lado do pescoço, mas justamente do lado da anca. Diga-se a verdade; não o fez – ao menos enquanto ali estive, que foram poucos minutos. Esses poucos minutos, porém, valeram por uma hora ou duas. Se há justiça na Terra valerão por um século, tal foi a descoberta que me pareceu fazer, e aqui deixo recomendada aos estudiosos.

O que me pareceu, é que o burro fazia exame de consciência. Indiferente aos curiosos, como ao capim e à água, tinha no olhar a expressão dos meditativos. Era um trabalho interior e profundo. Este remoço popular: por pensar morreu um burro mostra que o fenômeno foi mal entendido dos que a princípio o viram; o pensamento não é a causa da morte, a morte é que o torna necessário. Quanto à matéria do pensamento, não há dúvidas que é o exame da consciência. Agora, qual foi o exame da consciência daquele burro, é o que presumo ter lido no escasso tempo que ali gastei. Sou outro Champollion, porventura maior; não decifrei palavras escritas, mas ideias íntimas de criatura que não podia exprimi-las verbalmente.

E diria o burro consigo:

“Por mais que vasculhe a consciência, não acho pecado que mereça remorso. Não furtei, não menti, não matei, não caluniei, não ofendi nenhuma pessoa. Em toda a minha vida, se dei três coices, foi o mais, isso mesmo antes haver aprendido maneiras de cidade e de saber o destino do verdadeiro burro, que é apanhar e calar. Quando ao zorro, usei dele como linguagem. Ultimamente é que percebi que me não entendiam, e continuei a zurrar por ser costume velho, não com ideia de agravar ninguém. Nunca dei com homem no chão. Quando passei do tílburí ao bonde, houve algumas vezes homem morto ou pisado na rua, mas a prova de que a culpa não era minha, é que nunca segui o cocheiro na fuga; deixava-me estar aguardando autoridade.”

“Passando à ordem mais elevada de ações, não acho em mim a menor lembrança de haver pensado sequer na perturbação da paz pública. Além de ser a minha índole contrária a arruaças, a própria reflexão me diz que, não havendo nenhuma revolução declarado os direitos do burro, tais direitos não existem. Nenhum golpe de estado foi dado em favor dele; nenhuma coroa os obrigou. Monarquia, democracia, oligarquia, nenhuma forma de governo, teve em conta os interesses da minha espécie. Qualquer que seja o regime, ronca o pau. O pau é a minha instituição um pouco temperada pela teima que é, em resumo, o meu único defeito. Quando não teimava, mordida o freio dando assim um bonito exemplo de submissão e conformidade. Nunca perguntei por sóis nem chuvas; bastava sentir o freguês no tílburí ou o apito do bonde, para sair logo. Até aqui os males que não fiz; vejamos os bens que pratiquei.”

“A mais de uma aventura amorosa terei servido, levando depressa o tílburí e o namorado à casa da namorada – ou simplesmente empacando em lugar onde o moço que ia ao bonde podia mirar a moça que estava na janela. Não poucos devedores terei conduzido para longe de um credor importuno. Ensinei filosofia a muita gente, esta filosofia que consiste na gravidade do porte e na quietação dos sentidos. Quando algum homem, desses que chamam patuscos, queria fazer rir os amigos, fui sempre em auxílio deles, deixando que me dessem tapas e punhadas na cara. Em fim...”

Não percebi o resto, e fui andando, não menos alvoroçado que pesaroso. Contento da descoberta, não podia furtar-me à tristeza de ver que um burro tão bom pensador ia morrer. A consideração, porém, de que todos os burros devem ter os mesmos dotes principais, fez-me ver que os que ficavam não seriam menos exemplares do que esse. Por que se não investigará mais profundamente o moral do burro? Da abelha já se escreveu que é superior ao homem, e da formiga também, coletivamente falando, isto é, que as suas instituições políticas são superiores às nossas, mais racionais. Por que não sucederá o mesmo ao burro, que é maior?

Sexta-feira, passando pela Praça Quinze de Novembro, achei o animal já morto.

Dois meninos, parados, contemplavam o cadáver, espetáculo repugnante; mas a infância, como a ciência, é curiosa sem asco. De tarde já não havia cadáver nem nada. Assim passam os trabalhos deste mundo. Sem exagerar o mérito do finado, força é dizer que, se ele não inventou a pólvora, também não inventou a dinamite. Já é alguma coisa neste final de século. *Requiescat in pace.*

5. (EFOMM 2021) Assinale a opção em que o termo **burro** é recuperado por meio de um hiperônimo.
- a) “O infeliz cabeceava, mais tão frouxamente, que parecia estar perto do fim.”
 - b) “Diante do animal havia algum capim espalhado [...]”
 - c) “Quinta-feira à tarde, pouco mais de três horas, vi uma coisa tão interessante [...]”
 - d) “Dois meninos, parados, contemplavam o cadáver [...]”
 - e) “[...] se ele não inventou a pólvora, também não inventou a dinamite.”

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

E Jerônimo via e escutava, sentindo ir-se-lhe toda a alma pelos olhos enamorados.

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doída, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambedas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca.

Aluísio Azevedo, *O cortiço*.

6. (FUVEST) O conceito de hiperônimo (vocábulo de sentido mais genérico em relação a outro) aplica-se à palavra “planta” em relação a “palmeira”, “trevos”, “baunilha” etc., todas presentes no texto. Tendo em vista a relação que estabelece com outras palavras do texto, constitui também um hiperônimo a palavra

- a) “alma”.
- b) “impressões”.
- c) “fazenda”.
- d) “cobra”.
- e) “saudade”.

ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I.)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

¹Em qualquer língua, de qualquer época, desde que em uso, ocorreram mudanças, em todos os estratos, em todos os níveis, o que significa dizer que, naturalmente, ¹²qualquer língua manifesta-se num conjunto de diferentes *falares*, que atendem às exigências dos diversos contextos de uso dessa língua. ¹⁰Pensar numa língua uniforme, falada em todo canto e em toda hora do mesmo jeito, é um mito que tem trazido consequências desastrosas para a autoestima das pessoas (principalmente daquelas de meios rurais ou de classes sociais menos favorecidas) e que tem confundido, há séculos, os professores de língua.

⁵Exatamente, ¹³por essa heterogeneidade de falares é que a língua se torna complexa, pois, ¹¹por eles, se instaura o movimento dialético da língua: da língua que *está sendo*, que *continua igual* e da língua que *vai ficando diferente*. ²Não querer reconhecer essa natural tensão do movimento das línguas é deixar de apanhar a natureza mesma de sua forma de existir: *histórica* e *culturalmente situada*.

⁶Por conta dessas vinculações da língua com as situações em que é usada, a voz de cada um de nós é, na verdade, *um coro de vozes*. ³Vozes de todos os que nos antecederam e com os quais convivemos atualmente. Vozes daqueles que construíram os significados das coisas, que atribuíram a elas um sentido ou um valor semiológico. Vozes que pressupõem papéis sociais de quem as emite; que expressam visões, concepções, crenças, verdades e ideologias. ¹⁴Vozes, portanto, que, partindo das pessoas em interação, significam expressão de suas visões de mundo e, ao mesmo tempo, criação dessas mesmas visões.

⁷A língua é, assim, um grande ponto de encontro; de cada um de nós, com os nossos antepassados, com aqueles que, de qualquer forma, fizeram e fazem a nossa história. Nossa língua está embutida na trajetória de nossa memória coletiva. Daí, ⁴o apego que sentimos à nossa língua, ao jeito de falar de nosso grupo. Esse apego é uma forma de selarmos nossa adesão a esse grupo.

⁸Tudo isso porque linguagem, língua e cultura são, reiteramos, realidades indissociáveis.

⁹É nesse âmbito que podemos surpreender as raízes do processo de construção e expressão de nossa *identidade* ou, melhor dizendo, de nossa pluralidade de identidades. É nesse âmbito que podemos ainda experimentar o sentimento de pertencimento, de pertença, de ser *gente de algum*

lugar, de ser pessoa que faz parte de determinado grupo. Quer dizer, pela língua afirmamos: temos território; não somos sem pátria. Pela língua, enfim, recobramos uma identidade.

ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino*. Outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009, p. 22-23.

1. (UPE 2015) No texto, a reiteração de itens lexicais, um dos importantes recursos da coesão textual, está presente, também, por meio da retomada por sinonímia. Isso ocorre, por exemplo, entre os segmentos sublinhados em:
 - a) “Em qualquer língua, de qualquer época, desde que em uso, ocorreram mudanças” (ref. 1).
 - b) “Pensar numa língua uniforme (...) é um mito” (ref. 10) / “por eles (os falares), se instaura o movimento dialético da língua” (ref. 11).
 - c) “qualquer língua manifesta-se num conjunto de diferentes falares” (ref. 12) / “por essa heterogeneidade de falares é que a língua se torna complexa” (ref. 13).
 - d) “Por conta dessas vinculações da língua com as situações em que é usada, a voz de cada um de nós é (...) um coro de vozes” (ref. 6).
 - e) “Vozes, portanto, que, partindo das pessoas em interação, significam expressão de suas visões de mundo e (...) criação dessas mesmas visões” (ref. 14).

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir focaliza(m) uma passagem de um artigo de José Francisco Botelho e uma das ilustrações de Carlo Giovanni a esse artigo.

Compaixão

Considerada a maior de todas as virtudes por religiões como o budismo e o hinduísmo, a compaixão é a capacidade humana de compartilhar (ou experimentar de forma parcial) os sentimentos alheios — principalmente o sofrimento. Mas a onipresença da miséria humana faz da compaixão uma virtude potencialmente paralisante. Afogados na enchente das dores alheias, podemos facilmente cair no desespero e na inação. Por isso, a piedade tem uma reputação conturbada na história do pensamento: se alguns a apontaram como o alicerce da ética e da moral, outros viram nela uma armadilha, um mero acréscimo de tristeza a um Universo já suficientemente amargo. Porém, vale lembrar que as virtudes, para funcionarem, devem se encaixar umas às outras: quando aliado à temperança, o sentimento de comiserção pelas dores do mundo pode ser um dos caminhos que nos afastam da cratera de Averno*. Dosando com prudência uma compaixão potencialmente infinita, é possível sentirmos de forma mais intensa a felicidade, a nossa

e a dos outros — como alguém que se delicia com um gole de água fresca, lembrando-se do deserto que arde lá fora. Isso tudo pode parecer estranho, mas o fato é que a denúncia da compaixão segue um raciocínio bastante rigoroso.

O sofrimento — e todos concordam — é algo ruim. A compaixão multiplica o sofrimento do mundo, fazendo com que a dor de uma criatura seja sentida também por outra. E o que é pior: ao passar a infelicidade adiante, ela não corrige, nem remedia, nem alivia a dor original. Como essa infiltração universal da tristeza poderia ser uma virtude? No século 1 a.C., Cícero escreveu: “Por que sentir piedade, se em vez disso podemos simplesmente ajudar os sofredores? Devemos ser justos e caridosos, mas sem sofrer o que os outros sofrem”.

* Os romanos consideravam a cratera vulcânica de Averno, situada perto de Nápoles, como entrada para o mundo inferior, o mundo dos mortos, governado por Plutão.



(Vida Simples, janeiro de 2014. Adaptado.)

2. (UNESP 2014) Assinale a alternativa que contém três vocábulos usados como sinônimos ao longo do fragmento:
 - a) compaixão, piedade, comiseração.
 - b) virtude, sofrimento, piedade.
 - c) compaixão, miséria, dor.
 - d) piedade, temperança, prudência.
 - e) sofrimento, virtude, miséria.

3. (ENEM PPL 2012) Não há crenças que **Nelson Leirner** não destrua. Do dinheiro à religião, do esporte à fé na arte, nada resiste ao deboche desse **iconoclasta**. O principal mérito da retrospectiva aberta em setembro na Galeria do SESI-SP é justamente demonstrar que as provocações arquitetadas durante as últimas cinco décadas **pelo artista** quase octogenário continuam vigorosas.

Bravo, n. 170, out. 2011 (adaptado).

Um dos elementos importantes na constituição do texto é o desenvolvimento do tema por meio, por exemplo, do encadeamento de palavras em seu interior. A clareza do tema garante ao autor que seus objetivos — narrar, descrever, informar, argumentar, opinar — sejam atingidos. No parágrafo do artigo informativo, os termos em negrito

- a) evitam a repetição de termos por meio do emprego de sinônimos.
- b) fazem referências a outros artistas que trabalham com Nelson Leirner.
- c) estabelecem relação entre traços da personalidade do artista e suas obras.
- d) garantem a progressão temática do texto pelo uso de formas nominais diferentes.
- e) introduzem elementos novos, que marcam mudança na direção argumentativa do texto.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A coragem (...) só se torna uma ¹²virtude quando a serviço de outrem ou de uma causa geral e generosa. Como traço de caráter, a coragem é, sobretudo, uma fraca sensibilidade ao medo, seja por ele ser pouco sentido, seja por ser bem suportado, ou até provocar prazer. É a coragem dos estouvados, dos brigões ou dos ¹⁰impávidos, a coragem dos “durões”, como se diz em nossos filmes policiais, e todos sabem que a ²virtude pode não ter nada a ver com ela.

Isso quer dizer que ¹ela é, do ponto de vista moral, totalmente indiferente? Não é tão simples assim. Mesmo numa situação em que ³eu agiria apenas por ¹¹egoísmo, pode-se estimar que a ação generosa (por exemplo, o combate contra um agressor, em vez da súplica) manifestará maior domínio, maior ¹³dignidade, maior ¹⁴liberdade, ¹⁵qualidades moralmente significativas e que darão à coragem, como que por retroação, ⁵algo de seu valor: sem ser sempre moral, em sua essência, a coragem é aquilo sem o que, não há dúvida, qualquer moral seria impossível ou sem efeito. ⁴Alguém que se entregasse totalmente ao medo que lugar poderia deixar aos seus deveres? (...) O medo é egoísta. A covardia é egoísta. (...) Como virtude, ao contrário, a coragem supõe sempre uma forma de ⁷desinteresse, de ⁸altruísmo ou de ⁹generosidade. Ela não exclui, sem dúvida, uma certa ¹⁶insensibilidade ao medo, até mesmo um gosto por ele. Mas não ⁶os supõe necessariamente. Essa coragem não é a ausência do medo, é a capacidade de superá-lo, quando ele existe, por uma vontade mais forte e mais generosa. Já não é (ou já não é apenas) fisiologia, é força de alma, diante do perigo. Já não é uma paixão, é uma virtude, é a condição de todas. Já não é a coragem dos durões, é a coragem dos doces, e dos heróis.

André Comte-Sponville. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. p. 55 a 57 (adaptado).

4. (PUCRS 2010) A propósito do sentido de certos vocábulos no texto, afirma-se:

1. “impávidos” (ref. 10) significa “destemidos” e poderia ser substituído por “valentes” sem prejuízo à coerência da frase.
2. “egoísmo” (ref. 11) e “altruísmo” (ref. 8) são antônimos.
3. “virtude” (ref. 12) inclui, em seu sentido amplo, os sentidos de “dignidade” (ref. 13), “liberdade” (ref. 14), “qualidades” (ref. 15) e “generosidade” (ref. 9).
4. Na composição das palavras “desinteresse” (ref. 7) e “insensibilidade” (ref. 16), há elementos de valor semântico equivalente.

As afirmativas corretas são, apenas:

- a) 1 e 2.
- b) 2 e 3.
- c) 1, 2 e 3.
- d) 1, 2 e 4.
- e) 2, 3 e 4.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Pessoas habitadas

¹Estava conversando com uma amiga, dia desses. Ela comentava sobre uma terceira pessoa, que eu não conhecia. Descreveu-a como sendo ²boa gente, esforçada, ótimo caráter. ³Só tem um probleminha: “não é habitada”. Rimos. Uma expressão coloquial na França – *habité*, – mas nunca tinha escutado por estas paragens e com este sentido. Lembrei-me de uma outra amiga que, de forma parecida, também costuma dizer ⁵“aquela ali tem gente em casa” quando se refere a ⁶“pessoas que fazem diferença”.

⁷Uma pessoa pode ser altamente confiável, gentil, carinhosa, simpática, mas, se não é habitada, rapidamente coloca os outros pra dormir. Uma pessoa habitada é uma pessoa possuída, não necessariamente pelo demo, ainda que satanás esteja longe de ser má referência. Clarice Lispector certa vez escreveu uma carta a Fernando Sabino dizendo que faltava demônio em Berna, onde morava na ocasião. ⁸A Suíça, de fato, é um país de contos de fada onde tudo funciona, onde todos são belos, onde a vida parece uma pintura, um rótulo de chocolate. Mas ⁹falta uma ebulição que a salve do marasmo.

Retornando ao assunto: pessoas habitadas ¹⁰são aquelas possuídas por si mesmas, em diversas versões. Os habitados estão preenchidos de indagações, angústias, incertezas, mas não são menos felizes ¹¹por causa disso. Não transformam suas “inadequações” em doença, mas em força e curiosidade. Não recuam diante de encruzilhadas, não se amedrontam com transgressões, não adotam as opiniões dos outros para facilitar o diálogo. São pessoas que sur-

preendem com um gesto ou uma fala fora do script, sem ¹²nenhuma disposição para serem bonecos de ventríloquos. Ao contrário, encantam pela verdade pessoal que defendem. ¹³Além disso, mantêm com a solidão uma relação mais do que cordial.

¹⁴Então são as criaturas mais incríveis do universo? Não necessariamente. Entre os habitados há de tudo, gente fenomenal e também assassinos, pervertidos e demais malucos que não merecem abrandamento de pena pelo fato de serem, em certos aspectos, bastante interessantes. Interessam, mas assustam. Interessam, mas causam dano. ¹⁵Eu não gostaria de repartir a mesa de um restaurante com Hannibal Lecter, “The Cannibal”, ¹⁶ainda que eu não tenha dúvida de que o personagem imortalizado por Anthony Hopkins renderia um papo mais estimulante do que uma conversa com, ¹⁷sei lá, Britney Spears, que ¹⁸só tem gente em casa porque está grávida.

Que tenhamos a sorte de esbarrar com seres habitados e ao mesmo tempo inofensivos, cujo único mal que possam fazer seja nos fascinar e nos manter acordados uma madrugada inteira. Ou a vida inteira, o que é melhor ainda.

MEDEIROS, Martha. In: Org. e Int. SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *As Cem Melhores Crônicas Brasileiras*. Objetiva, 324-325.

5. (UECE 2016) Atente ao que se diz sobre os trechos transcritos a seguir: “não é habitada” (referência 4) e “aquela ali tem gente em casa” (referência 5).

- I. Ambas são expressões antônimas textualmente.
- II. Mostram que a antonímia, como também a sinonímia são fenômenos que se realizam independentemente do contexto em que aparecem.
- III. Na perspectiva do texto, “aquela ali tem gente em casa” pode ser lida como “aquela ali é habitada”. Está correto o que se afirma em
 - a) I, II e III.
 - b) II e III somente.
 - c) I e III somente.
 - d) I e II somente.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O ex-cinema de autor

Araldo Jabor

Estou escrevendo um novo filme, inspirado em um conto de Rubem Fonseca. O roteiro está quase pronto, e diante de mim já se desenham os impasses do cinema contemporâneo. Como filmar? É fácil partir para comédias ao gosto do público ou tentativas de imitar filmes de ação norte-americanos. Mas como realizar um filme que busca refletir sobre a vida, sobre as tragédias ou comédias humanas num mundo tão fragmentado, em que a ficção ficou insignificante, frágil? A realidade parece ficção.

E as dúvidas continuam: com que linguagem devo

abordar o fragmentário, o indizível, como criar uma linguagem coerente para um mundo incoerente? Como buscar sentido na falta de sentido? ²Nem mesmo temos mais a falta de sentido absurdista de Beckett, ou do *nouveau roman*, em que mesmo o desencanto total almejava um sentido qualquer, uma disfarçada esperança.

Como fazer um cinema de autor que não seja o reflexo da realidade, mas a realidade do reflexo? Hoje, o que é importante? Não existe mais? Não adianta buscar uma qualidade, uma excelência, que foi soterrada pela quantidade de informações e por uma dramaturgia falsamente nova, disfarçada no excesso infinito de formas de registrar. Hoje nem o absurdismo descreve mais o absurdo³... Há o desejo de obscurir ⁴justamente possíveis ⁵epifanias dentro da sala escura. Não me refiro às novas experiências digitais na web, ⁶pois seu processo é imprevisível. Falo apenas da tela grande, da esperança de criar uma obra de arte, ⁷como se dizia antigamente. E aí, eu penso: como vou fazer esse filme que escrevo?

O grande pensador André Bazin, o cara que mais ⁸entendia do assunto, uma vez ⁹definiu os vários momentos da evolução da linguagem cinematográfica. Ele dizia: na época do cinema mudo, a linguagem do filme evocava a realidade, ¹⁰como nos poemas dramáticos geniais de um Eisenstein ou em “A Paixão de Joana D’Arc”. Os cineastas faziam conexões poéticas que ¹¹evocavam sentidos.

Depois dos anos 30, com o cinema falado, a linguagem ficou descritiva, submetida a ¹²cânones realistas da vida. John Ford ou Hawks são exemplos de grandes realistas.

Nos anos 50 e 60, com o advento de equipamentos mais leves, herdeiros da pobreza do ¹³italiano, surgiu o Cinema Novo, longe dos estúdios, e ¹⁴assim nasceu, por exemplo, a *nouvelle vague*, e suas ondas ¹⁵influíram no mundo inteiro. Buscávamos a importância de uma verdade sobre a vida pessoal e social, a ponto de ¹⁶até dizermos: “Este filme é uma droga, mas é importante”. Nessa época, o cinema tinha uma forte importância cultural. Era visto como uma barreira contra a cultura de massas que ¹⁷já dominava o panorama ¹⁸. Nossa ideia era atingir o público e fazê-lo pensar, equivocando-o e conscientizando-o. Os filmes eram livres para criar uma nova ¹⁹dramaturgia, sem regras fixadas por produtores ²⁰. O autor era absoluto. Godard, sem dúvida, foi o grande criador dessa época. Abria-se um tempo semelhante ao que foi o modernismo, o cubismo etc. A liberdade era imensa ²¹para vermos a vida de ângulos jamais explorados, a vida com outros olhos.

²²Porém, a partir da virada dos anos 70 para os 80, ressurgiram as ²³(belas) regras da antiga poética grega. Aristóteles ressuscitou e passou a ²⁴ser o pau para toda obra do cinema comercial, a fórmula narrativa única e o pretexto para a conexão total com o gran-

de público. Aristóteles, coitado, foi substituído em todas as produções, as mais bárbaras, as mais desonestas. Pobre Aristóteles ²⁵– virou partitura não mais das tragédias gregas, mas dos maiores abacaxis de Hollywood. O método narrativo de sua poética passou a justificar uma máquina de sensações programadas. Somos levados por inúmeras direções: prazeres sádicos, assassinatos explosivos, vinganças sem fim, tudo narrado como uma ventania, como uma tempestade de planos ²⁶(cenas) curtos, nunca mais longos do que quatro segundos, tudo tocado por orquestras sinfônicas plagiando Ravel para cenas românticas, Stravinsky para violências e guerras, tudo para não desgrudarmos os olhos da tela. Não há mais tempo para um filme ser visto, refletido, com choro, risos, vida. O desejo dos produtores é justamente apagar o drama humano dentro de nossas cabeças. O conflito é permanente, ²⁷de forma a impedir o observador de ver seus conflitos internos.

Hoje, os roteiros são feitos em computador, de modo a não deixar respiros para o ²⁸. É preciso encher cada buraco, para que nada se infiltre na atenção absoluta. Mais importantes que as personagens, são as coisas em volta. Sim, as coisas. Personagem é só um pretexto para mostrar o décor. E o décor é um grande showroom dos produtos norte-americanos. As personagens são os maravilhosos aviões, os supercomputadores, a genialidade técnica lutando por algum bem ininteligível.

O cinema moderno perdeu a magia de antes, porque quanto ²⁹mais se ³⁰aperfeiçoam as maneiras de penetrar na realidade, mais distante ela ³¹fica. Explico. Em meio a efeitos especiais espantosos, o humano fica mais oculto. Quanto mais se fazem descobertas, mais fundo é o túnel do mistério. A máquina do mundo, quanto mais aberta, mais fica vazia e misteriosa. A perfeição digital, contemporânea, reprodutiva, descreve bem o mundo, mas não o condensa em poesia. Hoje, é imensa a quantidade de imagens que invadem nossos olhos. Tantas são ³²que se anulam. Tanta é a exposição da realidade diante de nossos olhos que não vemos mais nada.

A solução para mim talvez esteja na frase de Nelson Rodrigues: ³³“Se a nossa época não gostar de minhas peças, pior para nossa época³⁵”.

Disponível em: <https://www.otempo.com.br/opiniaio/arnaldo-jabor/o-ex-cinema-de-autor-1.1269424>. Acesso em: 17 fev. 2022. (Adaptado.)

6. (UCS 2022) A sinonímia mais aproximada, considerando o sentido de uso no texto, é mantida pela substituição de
- epifanias (ref. 5) por *idolatrias*.
 - evocavam (ref. 11) por *transgrediam*.
 - cânones (ref. 12) por *modelos*.
 - influíram (ref. 15) por *prescreveram*.
 - dramaturgia (ref. 19) por *fonografia*.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
Responda a(s) questão(ões) com base no texto 1.

TEXTO 1

Entre o espaço público e o privado

¹²Excluídos da sociedade, os moradores de rua ²⁶ressignificam o único espaço ¹³que lhes foi permitido ocupar, o espaço público, transformando-o em seu “lugar”, um espaço privado. ¹¹Espalhados pelos ambientes coletivos da cidade, ¹fazendo comida no asfalto, arrumando suas camas, limpando as calçadas como se estivessem dentro de uma casa: ¹⁷assim vivem os moradores de rua. Ao andar pelas ruas de São Paulo, vemos essas pessoas ³dormindo nas ²⁸calçadas, ⁴passando por situações constrangedoras, ⁵pedindo esmolas para sobreviver. Essa é a realidade das pessoas que ²fazem da rua sua casa e nela constroem sua ³⁵intimidade. ¹⁸Assim, a ideia de ³³individualização que está nas ³¹casas, na ³⁴separação das coisas por ³⁰cômodos e quartos que servem para proteger a intimidade do indivíduo, ¹⁴ganha outro sentido. O ⁶viver nas ²⁹ruas, um lugar ¹⁹aparentemente ³⁶inabitável, tem sua própria lógica de funcionamento, que vai além das possibilidades.

A relação que o homem ⁸estabelece com o espaço que ocupa é uma das mais importantes para sua sobrevivência. As mudanças de comportamento social ¹⁵foram ²¹sempre precedidas de ²²mudanças físicas de local. Por ²³mais que a rua não seja um local para ⁷viver, já que se trata de um ambiente público, de passagem e não de permanência, ela acaba sendo, ²⁵senão única, a ²⁴mais viável opção. Alguns pensadores já apontam que a habitação ⁹é um ponto base e ¹⁰adquire uma importância para harmonizar a vida. O pensador Norberto Elias comenta que “o quarto

de dormir tornou-se uma das áreas mais privadas e íntimas da vida humana. Suas paredes visíveis e ³⁷invisíveis vedam os aspectos mais ‘privados’, ‘íntimos’, irrepreensivelmente ‘animais’ da nossa existência à vista de outras pessoas”.

O modo como essas pessoas ²⁷constituem o único espaço que lhes foi permitido indica que conseguiram transformá-lo em “seu ²⁰lugar”, que aproximaram, cada um à sua maneira, ¹⁶dois mundos nos quais estamos ³²inseridos: o público e o privado.

RODRIGUES, Robson. *Moradores de uma terra sem dono*. (fragmento adaptado) In: <http://sociologiacienciaevida.uol.com.br/ESSO/edicoes/32/artigo194186-4.asp>. Acesso em 21/8/2014.

7. (PUCRS 2015) Analise as afirmações sobre o sentido e a formação das palavras no texto.

- I. Há uma relação de sinonímia entre “ressignificam” (ref. 26) e “constituem” (ref. 27).
- II. “calçadas” (ref. 28) está para “ruas” (ref. 29) assim como “cômodos” (ref. 30) está para “casas” (ref. 31).
- III. A relação entre “Excluídos” (ref. 12) e “inseparados” (ref. 32) é a mesma que se estabelece entre “individualização” (ref. 33) e “separação” (ref. 34).
- IV. As palavras “intimidade” (ref. 35), “inabitável” (ref. 36) e “invisíveis” (ref. 37) têm o mesmo prefixo.

Estão corretas apenas as afirmativas

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) I e IV.
- d) II e III.
- e) II, III e IV.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Que coisa mais jeca!

Do capiau de Lobato ao cafona urbano de hoje, palavra mudou com o país

¹É bem raro que um personagem literário tenha tanta projeção cultural que seu nome acabe por virar substantivo comum de ampla circulação, verbete em todos os dicionários.

Aconteceu com o Jeca Tatu, criado há pouco mais de cem anos pelo escritor paulista Monteiro Lobato (1882-1948).

O Houaiss define assim o brasileirismo jeca-tatu, substantivo masculino: “habitante do ²interior brasileiro, especialmente da região centro-sul, de hábitos rudimentares, morador da zona rural”. Ou seja, jecatatu é sinônimo de caipira, matuto, equivalência que o dicionário também registra.

Curiosamente, é só no verbete jeca, forma reduzida de jeca-tatu, que o lexicógrafo aponta o escancarado caráter pejorativo da palavra. O termo caipira pode ser depreciativo, mas também aparece em contextos neutros e até de valorização da cultura rural. Jeca não: é ofensivo sempre.

Mesmo quando o ator e cineasta Amácio Mazzaropi (1912-1981) fez dele um herói simpático e de grande sucesso, o riso que sua comédia buscava era baseado na superioridade do espectador sobre aquele capiau ridículamente simplório, que envergonhava os próprios filhos, ainda que fosse honesto e de bom coração.

A negatividade vem de berço. Quando lançou o personagem do Jeca Tatu em 1914, em artigo para O Estado de S. Paulo intitulado “Uma velha praga”, Lobato o apresentava como síntese dos defeitos que, na sua experiência de fazendeiro cheio de sonhos frustrados de modernização, condenavam o matuto brasileiro – e o país com ele – ao atraso eterno.

Preguiçoso, ignorante, “abúlico, triste, nessa primeira encarnação o Jeca (corruptela de Zeca) é uma espécie de aberração responsável por todas as suas próprias desgraças aos olhos urbanos do escritor elitista. Só que o autor nunca parou de retocar o personagem.

Em pouco tempo tinha transformado o Jeca numa vítima da incompetência do Estado, que lhe negava saneamento, remédios e educação.

O personagem começou a ganhar contornos construtivos. Nessa fase o astuto Lobato chegou a lhe arranjar um emprego de garoto-propaganda do Biotônico Fontoura, elixir vendido como capaz de curar os jecas de sua jequice.

No fim da vida do escritor, uma intervenção mais claramente política mudou tanto o caipira, agora retratado como explorado pelos donos da terra, que ele precisou mudar de nome.

Assim surgiu o personagem Zé Brasil, camponês dotado de consciência de classe. De modo significativo, não fez um milésimo do sucesso do Jeca.

Ocorre que a criatura já havia declarado sua independência do criador. Morto Lobato, novas transformações estavam por vir tanto para o Jeca, o personagem, quanto para jeca, a palavra.

80 já citado Mazzaropi se encarregou da primeira, mas é a outra que interessa mais de perto à coluna.

Se a incrível inserção cultural alcançada pelo caipira de Lobato só pode ser entendida no contexto de um país que, na primeira metade do século passado, ainda era maciçamente rural, o Brasil de urbanização velocíssima das décadas seguintes reservou novos papéis para o termo jeca.

Hoje é mais comum vê-lo usado como adjetivo para qualificar o “que revela mau gosto, falta de refinamento; cafona, ridículo” (Houaiss).

Abusar de palavras em inglês é jeca. Humilhar porteiros e garçons é jeca demais. Usar faixa presidencial em solenidades que não a exigem, haja jequice! Não há dúvida de que vivemos o momento mais jeca de nossa história.

Rodrigues, S. “Que coisa mais jeca! Do capiau de Lobato ao cafona urbano de hoje, palavra mudou com o país”. *Folha de São Paulo*. 24.10.2019. Disponível em: <https://bit.ly/2NxyLzK/>. Adaptado.

8. (FUVEST-ETE 2022) No texto, podem ser consideradas sinônimos de “abúlico” (ref. 4) e “astuto” (ref. 6), respectivamente, as palavras
- “faminto” e “sagaz”.
 - “apático” e “esperto”.

- “mentiroso” e “maldoso”.
- “honesto” e “sabido”.
- “simples” e “hábil”.

9. (UFU 2015) Como é usual no desenvolvimento de novas tecnologias, os drones também brotaram de centros militares. Mas no Exército eles têm outro nome: veículos aéreos não tripulados (os vants). São aeronaves autônomas, guiadas a distância por pilotos ou que navegam sozinhas, e que podem medir de poucos centímetros a dezenas de metros de comprimento. No começo dos anos 2000, passaram a ser utilizadas regularmente em missões do governo americano, e gradualmente substituem pilotos no campo de batalha. Se em 2009 3% da tropa da Força Aérea dos Estados Unidos guiava os vants, agora a parcela é de ao menos 10%, e há queixas de que não é o suficiente. E se no início eles substituíam soldados em tarefas arriscadas, agora solucionam até dilemas morais típicos de situações de guerra, e que antes só humanos conseguiam resolver. Às máquinas foram atribuídas decisões deontológicas. Quando foram concebidos, os vants eram totalmente guiados por um controle remoto. Tudo que a máquina fazia era responder aos comandos de um humano. Mas cada vez mais o homem se mostra dispensável. Os drones militares da década de 2010 contam com softwares dotados de algoritmos capazes de não só guiá-los, mas de identificar alvos e decidir se é preciso abatê-los. Um ex-operador de drones militares dos Estados Unidos revelou recentemente que as aeronaves rastreavam, sozinhas, o celular de um inimigo e indicavam se era necessário executá-lo, mesmo que ele não fosse o dono do aparelho, e com risco real de matar civis ao redor. Israel também divulgou a realização de testes com um programa que fará com que drones solucionem dilemas éticos. Exemplo: se o dano colateral, a morte de civis, for matematicamente mais prejudicial do que a execução de um alvo de menor relevância, a máquina cancela o ataque. Fórmulas matemáticas, em vez de humanos, podem passar a reger o campo de batalha.

THOMAS, Jennifer Ann. *Veja*, 14 de fevereiro, 2015, p. 173. (Fragmento)

No fragmento, uma das relações de coesão se estabeleça por meio de

- meronímia, o termo drones (ref. 1) constitui uma parte de vants (ref. 2).
- hiperonímia, a relação existente entre um termo mais genérico, máquinas (ref. 3) e um mais específico, drones (ref. 5).
- catáfora, o termo aeronaves (ref. 6) substitui o termo máquina (ref. 4).
- anáfora, o termo drones (ref. 1) aponta para o termo aparelho (ref. 7).

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Mulher proletária

Jorge de Lima

Mulher proletária — única fábrica
que o operário tem, (fabrica filhos)
tu
na tua superprodução de máquina humana
forneces anjos para o Senhor Jesus,
forneces braços para o senhor burguês.
Mulher proletária,
o operário, teu proprietário
há de ver, há de ver:
a tua produção,
a tua superprodução,
ao contrário das máquinas burguesas,
salvar o teu proprietário.

LIMA Jorge de. *Obra Completa* (org. Afrânio Coutinho).
Rio de Janeiro: Aguilar, 1958.

10. (UECE 2019) As relações de sentido que o poeta estabelece no poema podem ser representadas por vários pares de oposição semântica de palavras, EXCETO por
- sujeito × objeto.
 - libertação × escravidão.
 - igualdade × desigualdade.
 - produção × riqueza.
11. (UNEMAT) A palavra “eminente”, presente no enunciado “O eminente ministro renunciou ao cargo” não deve ser confundida com “imminente”, seu parônimo. Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de parônimo?
- coser / cozer
 - ratificar / retificar
 - insipiente / incipiente
 - seção / sessão
 - taxar / tachar

12. (IME 2022) **Texto 1**

ENGENHEIROS DA VITÓRIA

Solução de problemas na história

[...] Quando se fala na eficiência em conseguir equipamentos de combate e transferir combatentes de A para B, os britânicos são campeões; certamente isso não foi por causa de alguma inteligência especial, mas pela ampla experiência em organização e senso crítico depois de enfrentar chances adversas em 1940, juntamente com a perspectiva de derrota. Aqui a necessidade foi a mãe da invenção. Eles tinham que defender suas cidades, transportar tropas até o Egito, apoiar os gregos, proteger as fronteiras da Índia, trazer os Estados Unidos para a guerra e depois levar aquele

imenso potencial americano para a área da Europa. Era mais um problema a ser resolvido. Como foi possível fazer com que 2 milhões de soldados americanos, depois de chegar às bases de Clyde, fossem para bases no sul da Inglaterra preparando-se para o ataque à Normandia, ¹quando a maior parte das ferrovias britânicas estava ocupada em transportar vagões de carvão para as fábricas de ferro e aço que não podiam parar de produzir?

Como se viu, uma organização composta por pessoas que cresceram decorando os horários da estrada de ferro de Bradshaw como passatempo pode fazer isso, enquanto os altos comandantes consideravam que tudo estava garantido porque confiavam na capacidade de seus administradores de nível médio. Churchill acreditava que o melhor era não se preocupar demais com os problemas, pois tudo se resolveria, isto é, uma maneira havia de ser encontrada, passo a passo.

Há uma outra forma de pensar sobre essa história de soluções de problemas, e ela vem de um exemplo bem contemporâneo. Em novembro de 2011, enquanto o genial líder da Apple, Steve Jobs, recebia inúmeras homenagens póstumas, um artigo intrigante foi publicado na revista *New Yorker*. Nele o autor, Malcom Gladwell, argumentava que Jobs não era o inventor de uma máquina ou de uma ideia que mudou o mundo; poucos seres o são (exceto talvez Leonardo da Vinci e Thomas Edison). Na verdade, seu brilhantismo estava em adotar invenções alheias que não deram certo, a partir das quais construía, modificava e fazia aperfeiçoamentos constantes. Para usar uma linguagem atual, ele era um *tweaker*, e sua genialidade impulsionou como nunca o aumento de eficiência dos produtos de sua companhia.

A história do sucesso de Steve Jobs, contudo, não era nova. A chegada da Revolução Industrial do século XVIII na Grã-Bretanha – muito provavelmente a maior revolução para explicar a ascensão do Ocidente – ocorreu porque o país possuía uma imensa coleção de *tweakers* em sua cultura que encorajaram o progresso [...]

A história da evolução do tanque T-34 soviético, de um grande pedaço de metal mal projetado e fraco para uma arma de guerra mortífera, segura e de grande mobilidade, não foi uma história contínua de *tweaking*? Não foi esse também o caso do grande bombardeiro americano, o B-29, que no início estava tão mergulhado em dificuldades que chegou a se propor seu cancelamento até que as equipes da Boeing resolveram os problemas? E as miraculosas histórias do P-51 Mustang, dos tanques de Percy Hobart e de um poderoso sistema de radar tão pequeno que poderia ser inserido no nariz de um avião patrulha de longa distância e virar a maré na Batalha do Atlântico? Depois que se unem os diversos pedaços espalhados, tudo se encaixa. Mas todos esses projetos exigiram tempo e apoio.

Na verdade, os administradores de grandes companhias mundiais provavelmente se surpreendam diante, digamos, do planejamento e orquestração do almirante Ramsay nos cinco desembarques simultâneos no Dia D e gostariam de poder realizar um décimo do que ele fez.

Em suma, a vitória em grandes guerras sempre requer organização superior, o que, por sua vez, exige pessoas que possam dirigir essas organizações, não com um interesse apenas moderado, mas da maneira mais competente possível e com estilo que permitirá às pessoas de fora propor ideias novas na busca da vitória. Os chefes não podem fazer isso tudo sozinhos, por mais que sejam criativos e dotados de energia. É necessário haver um sistema de apoio, uma cultura de encorajamento, *feedbacks* eficientes, uma capacidade de aprender com os revezes, uma habilidade de fazer as coisas acontecerem. E tudo isto tem de ser feito de uma maneira que seja melhor do que aquela do inimigo. É assim que as guerras são vencidas. [...]

O mesmo reconhecimento merecem, por certo, os militares de nível médio que mudaram a Segunda Guerra Mundial, transformando as agressões do Eixo em 1942 em avanços irreversíveis dos Aliados em 1943-44, e finalmente destruindo a Alemanha e o Japão. É verdade, alguns desses indivíduos, armamentos e organizações são reconhecidos, mas em geral de uma forma fragmentada e popularizada. É raro que esses fios isolados sejam tecidos em conjunto para mostrar como os avanços afetaram as muitas campanhas, fazendo a balança pender para o lado dos Aliados durante o conflito global. Mais raro ainda é a compreensão de como o trabalho desses vários solucionadores de problemas também precisa ser incluído numa importante “cultura do encorajamento” para garantir que simples declarações e intenções estratégicas de grandes líderes se tornem realidade e não murchem nas tempestades da guerra. Se isso é o que acontece, então vivemos com uma grande lacuna em nossa compreensão de como a Segunda Guerra Mundial foi vencida em seus anos cruciais.

KENNEDY, Paul. *Engenheiros da Vitória: Os responsáveis pela reviravolta na Segunda Guerra Mundial*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 407- 428 (texto adaptado).

Texto 2

ODE TRIUNFAL

À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica
Tenho febre e escrevo.
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,
Por todos os meus nervos dissecados fora,
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
De expressão de todas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

Em febre e olhando os motores como a uma Natureza tropical –
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força –
Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes eléctricas
Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,
E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,
Átomos que hão-de ir ter febre para o cérebro do Ésquilo do século cem,
Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e por estes volantes,
Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,
Fazendo-me um acesso de carícias ao corpo numa só carícia à alma.

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!
Ser completo como uma máquina!
Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo!
Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,
Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento
A todos os perfumes de óleos e calores e carvões
Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!

Fraternidade com todas as dinâmicas!
Promiscua fúria de ser parte-agente
Do rodar férreo e cosmopolita
²Dos comboios estrênuos,
Da faina transportadora-de-cargas dos navios,
Do giro lúbrico e lento dos guindastes,
Do tumulto disciplinado das fábricas,
E do quase-silêncio ciciante e monótono das correias de transmissão!

Horas europeias, produtoras, entaladas
Entre maquinismos e afazeres úteis!
Grandes cidades paradas nos cafés,

Nos cafés – oásis de inutilidades ruidosas
 Onde se cristalizam e se precipitam
 Os rumores e os gestos do Útil
 E as rodas, e as rodas-dentadas e as chumaceiras
 do Progressivo!
 Nova Minerva sem-alma dos cais e das gares!
 Novos entusiasmos de estatura do Momento!
 PESSOA, Fernando. *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática,
 1944 (imp. 1993), p. 144 (texto adaptado).

Leia atentamente o texto abaixo:

“[...] quando a maior parte das **ferrovias** britânicas estava ocupada em transportar vagões de carvão para as fábricas de ferro e aço [...]” (Texto 1, ref. 1).

“Dos **comboios** estrênuos,” (Texto 2, ref. 2)

Nos excertos dos Textos 1 e 2, o par de palavras destacadas estabelece, respectivamente, as relações semânticas de:

- hiperonímia / hiponímia.
- homonímia / paronímia.
- hiperonímia / hiperonímia.
- paronímia / homonímia.
- hiponímia / hiperonímia.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder às questões.

²⁷Aumenta o número de adultos que não consegue focar sua atenção em uma única coisa por muito tempo. ³⁷São tantos os estímulos e tanta a pressão para que o entorno seja completamente desvendado que aprendemos a ver e/ou fazer várias coisas ao mesmo tempo. ³⁴Nós nos tornamos, à semelhança dos computadores, pessoas multitarefa, não é verdade?

⁴¹Vamos tomar como exemplo uma pessoa dirigindo. ⁴Ela precisa estar atenta aos veículos que vêm atrás, ao lado e à frente, à velocidade média dos carros por onde trafega, às orientações do GPS ou de programas que sinalizam o trânsito em tempo real, ⁶às informações de ²⁹alguma emissora de rádio que comenta o trânsito, ao planejamento mental feito e refeito ⁹várias vezes do trajeto ²⁰que deve fazer para chegar ao seu destino, aos semáforos, faixas de pedestres etc.

³⁵Quando me vejo em tal situação, ¹⁹eu me lembro que ¹⁴dirigir, ⁴⁵após um dia de intenso trabalho no retorno para casa, já foi uma atividade prazerosa e desestressante.

¹⁸O uso da internet ajudou a transformar nossa maneira de olhar para o mundo. Não ²³mais observamos os detalhes, ¹por causa de nossa ganância em relação a novas e diferentes informações. Quantas vezes sentei em frente ao computador ⁴⁴para bus-

car textos sobre um tema ³⁸e, de repente, ²⁴me dei conta de que estava em ³⁹temas ¹⁵que em nada se relacionavam com meu tema primeiro.

Aliás, a leitura também sofreu transformações pelo nosso costume de ler na internet. ¹⁶Sofremos de uma tentação permanente de ⁴³pular palavras e frases inteiras, apenas para irmos direto ao ponto. O problema é que ²²alguns textos exigem a leitura atenta de palavra por palavra, de frase por frase, para que faça sentido. ⁵Aliás, não é a combinação e a sucessão das palavras que dá sentido e beleza a um texto?

³Se está difícil para nós, adultos, focar nossa atenção, imagine, caro leitor, para as crianças. ²Elas já nasceram neste mundo de ⁸profusão de estímulos de todos os tipos; elas são exigidas, desde o início da vida, a dar conta de várias coisas ao mesmo tempo; elas são estimuladas com diferentes objetos, sons, imagens etc.

⁴⁶Aí, um belo dia elas vão para a escola. Professores e pais, a partir de então, querem que as crianças prestem atenção em uma única coisa por muito tempo. ³⁶E quando elas não conseguem, reclamamos, levamos ao médico, arriscamos hipóteses de que sejam portadoras de síndromes que exigem tratamento etc. ⁴²A maioria dessas crianças sabe focar sua atenção, sim. Elas já sabem usar programas complexos em seus aparelhos eletrônicos, ¹⁰brincam com jogos desafiantes que exigem atenção constante aos detalhes e, se deixarmos, ²¹passam horas em uma única atividade de que gostam.

¹⁷Mas, nos estudos, queremos que elas prestem ²⁶atenção no que é preciso, e não no que gostam.

²⁸E isso, caro leitor, exige a árdua aprendizagem da autodisciplina. Que leva tempo, é bom lembrar.

³²As crianças precisam de nós, pais e professores, para começar a aprender isso. Aliás, ³¹boa parte desse trabalho é nosso, e não delas.

¹²Não basta mandarmos que elas prestem atenção: ³³isso de nada as ajuda. ¹³O que pode ajudar, por exemplo, é ⁴⁰analisarmos o contexto em que estão ⁷quando precisam focar a atenção ²⁵e organizá-lo para que seja favorável a tal exigência. ¹¹É preciso lembrar que não se pode esperar toda a atenção delas por muito tempo: ³⁰o ensino desse quesito no mundo de hoje é um processo lento e gradual.

SAYÃO, Rosely. “Profusão de estímulos”. *Folha de São Paulo*, 11 fev. 2014 – adaptado.

13. (G1 - COL. NAVAL 2014) Considerando os termos grifados em “[...] por causa de nossa ganância em relação a novas e diferentes informações.” (ref. 1) e “Elas já nasceram neste mundo de profusão de estímulos de todos os tipos [...]” (ref. 2), a antonímia dos termos grifados foi indicada de forma correta, respectivamente, em qual opção?

- Avidez, insuficiência.
- Abnegação, exuberância.
- Desapego, escassez.
- Altruísmo, afluência.
- Concupiscência, falha.

14. (ENEM PPL 2019) Qual a diferença entre publicidade e propaganda?

Esses dois termos não são sinônimos, embora sejam usados indistintamente no Brasil. Propaganda é a atividade associada à divulgação de ideias (políticas, religiosas, partidárias etc.) para influenciar um comportamento. Alguns exemplos podem ilustrar, como o famoso Tio Sam, criado para incentivar jovens a se alistar no exército dos EUA; ou imagens criadas para “demonizar” os judeus, espalhadas na Alemanha pelo regime nazista; ou um pôster promovendo o poderio militar da China comunista. No Brasil, um exemplo regular de propaganda são as campanhas políticas em período pré-eleitoral.

Já a publicidade, em sua essência, quer dizer tornar algo público. Com a Revolução Industrial, a publicidade ganhou um sentido mais comercial e passou a ser uma ferramenta de comunicação para convencer o público a consumir um produto, serviço ou marca. Anúncios para venda de carros, bebidas ou roupas são exemplos de publicidade.

VASCONCELOS, Y. Disponível em: <https://mundoestranho.abril.com.br>. Acesso em: 22 ago. 2017 (adaptado).

A função sociocomunicativa desse texto é

- ilustrar como uma famosa figura dos EUA foi criada para incentivar jovens a se alistar no exército.
- explicar como é feita a publicidade na forma de anúncios para venda de carros, bebidas ou roupas.
- convencer o público sobre a importância do consumo.
- esclarecer dois conceitos usados no senso comum.
- divulgar atividades associadas à disseminação de ideias.

15. (IESES) A palavra mandado não pode ser confundida com mandato, seu parônimo. Nesse sentido, quais palavras estabelecem entre si uma relação de homonímia e não de paronímia?

- Preposição e proposição
- Eminente e iminente
- Dispensa e dispensa
- Acender e ascender

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

No sinal

Ricardo Freire

- Bem-vindo ao Esmola's Drive-Thru.
- Como?
- Bem-vindo ao Esmola's Drive-Thru.
- Peráí. Eu passo aqui há 20 anos e até ontem esse lugar era um sinal de trânsito. Semáforo. Farol. Sinaleira.

- Era, mas agora é mais uma franquia do Esmola's Drive-Thru. Com concessão da prefeitura e tudo. Taqui, ó. Parte da renda é revertida para a Associação Municipal dos Bi-Rodais.

- Cuma?

- Bi-Rodais. O pessoal que anda em cadeira de rodas. Politicamente correto, sacumé. Agora, por favor, peça pelo número.

- Não entendi.

- Peça pelo número. Não tá vendo o menu ali no painel ao lado do semáforo? Naquele poste ali? Embaixo do cartaz do candidato a vereador...

- Tô sem óculos.

- Eu ajudo. Número 1, abordagem seca, rápida, objetiva e fim de papo: 1 real. Mas esse não dá mais porque o senhor ficou aí embaçando.

- Sei.

- Número 2, abordagem piedosa com criança no colo e uso das palavras “tio” ou “tia”: 50 centavos.

- Criança branca ou preta?

- A que estiver disponível no momento.

- Claro.

- Número 3, abordagem infantil com caixa de drops à mão: terreal para carro importado, dorreal para carro nacional do ano, 1 real para “outros”. Grátis, um drops.

- Grátis?

- Grátis. O doutor só paga a contribuição social e o drops vai de brinde.

- Ah, tá.

ÉPOCA, Ed. Globo: São Paulo, 326, 16 ago. 2004, p. 122.

16. (UFG 2005) Observando os recursos linguísticos utilizados no texto “No sinal”, responda:

a) Por que a presença de expressões do tipo “cuma” e “parte da renda é revertida para a Associação Municipal dos Bi-Rodais” caracteriza o texto como heterogêneo quanto aos níveis de linguagem?

b) Por que o motorista utiliza a repetição por sinonímia para se referir ao sinal de trânsito?

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

QUAL O PODER DA LEITURA NESTES TEMPOS DIFÍCIS?

Hoje, é possível dizer que o mundo inteiro é um “espaço em crise”. Uma crise se estabelece de fato quando transformações de caráter brutal – mesmo se preparadas há tempos -, ou ainda uma violência permanente e generalizada, tornam extensamente inoperantes os modos de regulamentação, sociais e psíquicos, que até então estavam sendo praticados. Ora, a aceleração das transformações, o crescimento das desigualdades, das disparidades, a extensão das migrações alteraram ou fizeram desaparecer os parâmetros nos quais a vida se desenvolvia, vulne-

rabalizando homens, mulheres e crianças, de maneira obviamente bastante distinta, de acordo com os recursos materiais, culturais, afetivos de que dispõem e segundo o lugar onde vivem.

Para boa parte deles, no entanto, tais crises se manifestam em transtornos semelhantes. Vividas como rupturas, ainda mais quando são acompanhadas da separação dos próximos, da perda da casa ou das paisagens familiares, as crises os confinam em um tempo imediato – sem projeto, sem futuro –, em um espaço sem linha de fuga. Despertam feridas antigas, reativam o medo do abandono, abalam o sentimento de continuidade de si e a autoestima. Provocam, às vezes, uma perda total de sentido, mas podem igualmente estimular a criatividade e a inventividade, contribuindo para que outros equilíbrios sejam forjados, pois em nosso psiquismo, como disse René Kaës, uma “crise libera, ao mesmo tempo, forças de morte e forças de regeneração”. “O desastre ou a crise são também, e sobretudo, oportunidades”, escreveram Chamoiseau e Glissant, após a passagem de um ciclone. “Quando tudo desmorona ou se vê transformado, são também os rigores ou as impossibilidades que se veem transformados. São os improváveis que, de repente, se veem esculpados por novas luzes”.

A leitura pode garantir essas forças de vida? O que esperar dela – sem vãs ilusões – em lugares onde a crise é particularmente intensa, seja em contextos de guerra ou de repetidas violências, de deslocamentos de populações mais ou menos forçados, ou de vertiginosas recessões econômicas?

Em tais contextos, crianças, adolescentes e adultos poderiam redescobrir o papel dessa atividade na reconstrução de si mesmos e, além disso, a contribuição única da literatura e da arte para a atividade psíquica. Para a vida, em suma.

Michèle Petit, *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: ed. 34, 2009.

Texto II

Paradoxalmente, o caos em que a humanidade corre o risco de mergulhar traz em seu bojo sua própria e última oportunidade. Por quê? Para começar, porque a proximidade do perigo favorece as instâncias de conscientização, que podem então multiplicar-se, ampliar-se e fazer surgir uma grande política de salvação do mundo. E, sobretudo, pela seguinte razão: quando um sistema é incapaz de resolver seus problemas vitais, ou ele se desintegra, ou é capaz, dentro de sua própria desintegração, de metamorfosear-se num metassistema mais rico, capaz de buscar soluções para esses problemas.

Edgar Morin, <http://www.comitepaz.org.br>

Texto III

O que diz o vento (07/10/1991)

Para o Brasil chegar afinal ao Primeiro Mundo só falta vulcão. Uns abalozinhos já têm havido por aí, e cada vez mais frequentes. Agora passa por Itu esse vendaval, com tantas vítimas e tantos prejuízos a lastimar. Alguns jornais não tiveram dúvida: ciclone. Ou tornado, quem sabe.

Shelley que me desculpe, mas vento me dá nos nervos. Desarruma a gente por dentro. Mas, em matéria de vento, poeta tem imunidades. Manuel Bandeira associou à canção do vento a canção da sua vida.

O vento varria as luzes, as músicas, os aromas. E a sua vida ficava cada vez mais cheia de aromas, de estrelas, de cânticos.

Fúria dos elementos, símbolo da instabilidade, o vento é ao mesmo tempo sopro de vida. Uma aragem acompanha sempre os anjos. E foi o vento que fez descer sobre os apóstolos as línguas de fogo do Espírito Santo. Destruidor e salvador, com o vento renasce a vida, diz a “Ode to the West Wind”, de Shelley. No inverno só um poeta romântico entrevê o início da primavera. Divindade para os gregos, o vento inquieta porque sacode a apatia e a estagnação.

Com esse poder de levar embora, suponhamos que uma lufada varresse o Brasil, como na canção do Manuel Bandeira. Que é que esse vento benfazejo devia levar embora? Todo mundo sabe o mundo de males que nos oprime nesta hora. Deviam ser varridos para sempre. Se vento leva e traz, se vento é mudança, não custa acreditar que, passada a tempestade, vem a bonança. E com ela, o sopro renovador — garante o poeta. A casa destelhada, a destruição já começou. Vem aí a reconstrução.

Otto Lara Resende, *Bom dia para nascer: crônicas publicadas na Folha de S. Paulo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2011. Adaptado.

17. (FGV 2015) Responda o que se pede.

- Apesar do texto II abordar um tema genérico e o texto I, um tema mais específico, é possível identificar no conteúdo de ambos alguma ideia comum? Justifique sua resposta.
- Sem provocar alterações no sentido do texto II, que sinônimos poderiam substituir, respectivamente, as palavras “Paradoxalmente” (início do texto) e “metamorfosear-se” (final do texto)?

GABARITO

1. C 2. A 3. D 4. D 5. C
6. C 7. A 8. B 9. B 10. D
11. B 12. A 13. C 14. D 15. D

16.

- a) O texto é considerado heterogêneo porque é construído ora com recurso de linguagem não padrão, informal (“cuma”), ora com recursos de linguagem padrão, normativa, formal (“parte da renda revertida para a Associação Municipal dos Bi-Rodais”).
- b) O motorista faz uso da repetição para expressar sua irritabilidade, sua impaciência, sua perplexidade diante da nova prática de mendicância.

17.

- a) Sim, pois ambos exprimem a possibilidade de enfrentar e reverter situações difíceis. O texto I defende a tese de que as adversidades podem ser oportunidade e motivo de superações individuais, e o texto II expressa a mesma opinião relativamente às tragédias que a Humanidade enfrenta na atualidade, como referido no excerto “o desastre ou a crise são também e, sobretudo, oportunidades”.
- b) Preservando o sentido do texto, os termos “paradoxalmente” e “metamorfosar-se” poderiam ser substituídos por “contraditoriamente” e “transformar-se”, respectivamente.

18.

A disposição tipográfica dos parônimos “pluvial” e “fluvial” mimetiza a chuva e, ao mesmo tempo, o rio formado pela água da chuva.

19.

- a) Na frase, o autor considera que, em primeiro lugar, o ser humano busca reconhecimento de seus feitos pelo outro, evidenciando sua vaidade. Posteriormente, ele se volta para si e reconhece seus atos, gerando, ou não, o orgulho, preocupando-se então consigo.
- b) O homem prefere ser elogiado, valorizado, enaltecido etc. por aquilo que não é a ser menosprezado, desvalorizado, desestimado etc. por aquilo que é.

20.

- a) Não, o emprego do diminutivo nas palavras “vizinha” e “sorrisinho” não produz o mesmo efeito de sentido nos dois casos. Enquanto que, na primeira ocorrência, o diminutivo pretende diminuir a atitude contestatória de Prometeu, na segunda, confere ironia ao comportamento do jacaré.
- b) Substituindo o verbo “fazer” por sinônimos adequados ao contexto, os trechos poderiam apresentar as seguintes configurações: *os outros decidem realizar (preparar) uma festa para provocar-lhe o riso (...). Todos praticam (elaboram) coisas engraçadas*”.